



GUAIRACÁ REVISTA DE FILOSOFIA

FRANZ BRENTANO E A RENOVAÇÃO COMO RETOMADA DO CARÁTER CIENTÍFICO DA FILOSOFIA

ALCEU CAVALHEIRI¹

Resumo: O tema desta pesquisa é a renovação (*Erneuerung*), entendido como um processo ativo, voluntário e racional, de ordem individual e coletiva, que parte do desejo de retomar os princípios elementares da atividade humana para criar novos hábitos de modo consciente e racional. As análises histórico-filosóficas de Franz Brentano (1838-1917) fazem notar que o tempo compreendido entre os fins do século XIX e início do XX é marcado pela falta de otimismo filosófico. No entanto, veremos que ele confia no início de um novo período de florescimento do pensar filosófico, próprio de uma reforma radical da filosofia. As principais razões que geraram a desconfiança geral e falta de otimismo na filosofia como ciência se limitam na necessidade de unidade entre as teorias e na inacessibilidade de seus fins. Apesar disso, a imperfeição da filosofia não justifica a afirmação de que suas investigações não merecem o nome de esforço científico. Para Brentano, a filosofia ainda não é uma ciência madura, capaz de trazer resultados práticos para a vida, pois ficaram ao seu encargo as investigações sobre a essência interna dos acontecimentos que a ciência natural deixou de fora de seus domínios. A filosofia não encontrou ainda seu método adequado e nem sua praticidade para a vida. As análises de Brentano indicarão a necessidade de uma renovação na autenticidade científica, visando uma retomada do ideal elementar da ciência de modo consciente e racional. Para tal fim,

1. Doutorando no Programa Pós-Graduação em Filosofia – UFSM. Professor na FAPAS e UNIFRA de Santa Maria – RS. E-mail: alceucavalheiri@gmail.com

a abordagem dos fatos exige de Brentano o uso do método histórico-filosófico para realizar alguns recortes e análises da realidade que, na pesquisa, estarão limitados aos eventos ocorridos com a humanidade nos fins do século XIX e início do XX. Os recortes e análises permitirão expor o problema e a necessidade de uma possível renovação das atitudes humanas no campo científico-filosófico.

Palavras-chave: Renovação. Otimismo. Autenticidade científica.

FRANZ BRENTANO AND THE RENEWAL OF SCIENTIFIC CHARACTER OF PHILOSOPHY

Abstract: The theme of this research is the renewal (*Erneuerung*), understood as an active, voluntary and rational process, individual and collective, starting from the desire to return to the elementary principles of human activity to create new habits in a conscious and rational way. Franz Brentano's historical-philosophical analysis (1838-1917) notes that the time between the late nineteenth and early twentieth centuries is marked by a lack of philosophical optimism. However, we will see that he relies on the beginning of a new flowering period of philosophical thinking proper to a radical reform of philosophy. The main reasons that generated the general mistrust and lack of optimism in philosophy as science are limited in the necessity of unity between the theories and in the inaccessibility of its ends. Nevertheless, the imperfection of philosophy does not justify the claim that his investigations do not deserve the name of scientific endeavor. For Brentano, philosophy is not yet a mature science, capable of bringing practical results to life, because it was left to investigate the inner essence of the events that natural science left out of its domain. Philosophy has not yet found its proper method and its practicality for life. Brentano's analyzes will indicate the need for a renewal in scientific authenticity, aiming at a retaking of the elementary ideal of science in a conscious and rational way. To that end, Brentano's approach requires the use of the historical-philosophical method to make some cuts and analyzes of reality that, in research, will be limited to the events that occurred with humanity in the late nineteenth and early twentieth centuries. The cuttings and analyzes will expose the problem and the need for a possible renewal of human attitudes in the scientific-philosophical field.

Keywords: Renewal. Optimism. Scientific authenticity.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Com base no pensamento de Franz Brentano (1838-1917), esta pesquisa sobre a retomada do objeto da filosofia remonta os períodos de florescimento da

filosofia, nos quais o propósito de buscar o conhecimento com métodos adequados fez progredir a ciência filosófica.

A investigação tem como base de pesquisa a obra de Brentano, *As quatro fases da filosofia e seu estado atual* (*Die Vier Phasen der Philosophie und ihr Augenblicklicher Stand* - 1894)². Também, esporadicamente, valem-se das obras *As razões do desalento da filosofia* (*Über die Gründe der Entmütigung auf philosophischem Gebiete* - 1876)³ e *Sobre o futuro da filosofia* (*Über die Zukunft der Philosophie* - 1892)⁴.

A estrutura do texto tem três momentos concatenados. Num primeiro momento, a constatação de que a ciência filosófica parece não progredir se comparada aos avanços científicos. Seguindo o otimismo de Brentano, a pesquisa ruma para uma análise das fases históricas da filosofia, na qual se optou por acompanhar literalmente as investigações de Brentano, inclusive o pensamento dos filósofos elencados por ele em cada período da história da filosofia. Por fim, acena para uma possível reflexão sobre o início da filosofia. O argumento é de que a filosofia inicia através do propósito de buscar os conhecimentos elementares e que, para isso, é necessário o vivo e livre anseio do saber, aliado ao desejo de aperfeiçoamento em busca do melhor possível.

A FALTA DE UM PENSAMENTO PROGRESSIVO NA FILOSOFIA

O desenvolvimento progressivo da ciência experimental faz acreditar que a ciência filosófica parece não progredir ou avançar, pois ela ainda estaria envolta aos problemas milenares da humanidade. A ciência experimental descobre o mundo tal como ele é e nela parece haver segurança e otimismo de infinitas e melhores possibilidades de conhecimento. E, ainda, o desânimo parece invadir os que se ocupam do estudo da filosofia, pois não haveria segurança nas questões filosóficas, consequência da sombra do ceticismo na não possibilidade de alcançar a verdade.

Franz Brentano, nos fins do século XIX, posiciona-se contra o pessimismo em relação à filosofia e em *As quatro fases da filosofia e seu estado atual*, busca responder às

2. *Die Vier Phasen der Philosophie und ihr Augenblicklicher Stand* - *As quatro fases da filosofia* é uma conferência pronunciada por Brentano em 28 de novembro de 1894. Na ocasião, Brentano fora convidado pela Sociedade Literária de Viena para falar do livro de Jerônimo Lorm, *O otimismo infundado*.

3. Conferência pronunciada por Brentano em 22 de abril de 1874, quando tomou posse da cátedra de filosofia na Universidade de Viena. A conferência fora editada no mesmo ano com o título *Über die Gründe der Entmütigung auf philosophischem Gebiete*.

4. *Über die Zukunft der Philosophie* - *Sobre o futuro da filosofia* é a conferência pronunciada em 22 de março de 1892, na Sociedade Filosófica de Viena.

objeções dos que afirmam a extinção do interesse dos grandes setores pela filosofia, através de uma exposição histórica.

Neste opúsculo, resultado de uma conferência pronunciada em 28 de novembro de 1894, na Sociedade Literária de Viena, Brentano objetiva não fazer menção à falta de otimismo, tema acessível à compreensão da época, mas aludir ao que é elementar e evidente na atualidade filosófica e na sua história, buscando mais a razão coletiva do que particular. Ele faz notar que a característica de seu tempo é marcada pela falta de otimismo e a profunda veneração pela filosofia kantiana (BRENTANO, 1936, p.02), entretanto, confia no início de um novo período progressivo e rejuvenescedor no pensar filosófico.

É importante notar que Brentano se afasta da opinião vigente pessimista e conferencia sobre a atualidade da filosofia e suas fases históricas orientado pelo princípio científico, ou seja, pelo interesse nas questões elementares do pensar, estudo mais árido e, às vezes, sem brilho, como ele mesmo afirma. Para ele, a história da filosofia é a história de alguns esforços científicos e em alguns aspectos se assemelha e em outros se diferencia da história das demais ciências (BRENTANO, 1936, p.03).

Enquanto as ciências mostram um progresso contínuo na sua história, o qual só é interrompido por algum período de repouso ou estagnação, a filosofia, assim como as belas artes, não tem o mesmo progresso, pois elas reúnem tempos de florescimento e de decadência.

A falta de progresso na filosofia é apontada também em *As razões do desalento da filosofia*, conferência pronunciada por Brentano na Universidade de Viena em 1876. Nela, Brentano menciona que o mundo filosófico está distante de encontrar unidade e concórdia de doutrina, pois, nele, encontra-se uma filosofia desagregada e separada em um grande conjunto de escolas que confirmam o provérbio: 'tantas opiniões quanto cabeças'. E ainda, para confirmar a falta de um progresso contínuo e unidade, afirma que, em filosofia, todos os sistemas se contrapõem e se combatem com violência do modo mais extremo possível (BRENTANO, 1936, p.87-88).

Este panorama pessimista da filosofia não desvia o foco da análise otimista brentaniana e nem a confiança no caráter científico da filosofia. Há uma regularidade nos períodos da história da filosofia que ele analisa a partir de quatro fases distintas.

AS QUATRO FASES NOS PERÍODOS DA HISTÓRIA DA FILOSOFIA

Ao analisar a história da filosofia como um conjunto de alguns esforços científicos, Brentano aponta a notável coincidência ou a regularidade do movimento

de florescimento e decadência do pensamento nos períodos da história da filosofia. Ele distingue quatro estágios regulares nos distintos períodos da filosofia antiga, medieval e moderna, até o desmoronamento do império espiritual de Hegel (1770-1831).

Os três períodos da filosofia são marcados pelo movimento de florescimento do pensamento, seguido de um enfraquecimento no interesse científico e o conseqüente ceticismo e, por fim, uma fase de reação forte ao ceticismo de modo antinatural (BRENTANO, 1936, p.04). Assim, os períodos da história da filosofia possuem um regular movimento de uma fase ascendente e três fases marcadas pelo enfraquecimento científico e a conseqüente decadência dos períodos.

O florescimento das investigações filosóficas

A primeira fase da filosofia nos períodos do pensamento compreende um desenvolvimento ascendente das investigações filosóficas. Trata-se do florescimento das investigações que é marcado por duas características: há um vivo interesse puramente teórico caracterizado pela admiração que impulsiona os homens à investigação filosófica, conforme diziam Platão e Aristóteles; a segunda caracteriza-se pelo começo da elaboração de métodos determinados essencialmente conforme seus objetos, porém com a necessidade de aperfeiçoamento posterior. Nesta fase, desenvolveria-se a ciência na qual, por um lado, aperfeiçoam-se as hipóteses e, por outro, estende-se a investigação às novas questões (BRENTANO, 1936, p.04).

Considerando a Antiguidade, Brentano afirma que a filosofia grega iniciou com a filosofia da natureza dos Jônios (VI e V a.C.) e deixa claro que a admiração pelos enigmas do mundo “ascendeu o mais vivo anseio de saber” (BRENTANO, 1936, p.06). Os Jônios⁵ dedicaram-se livremente à investigação do mundo natural. Unidos ao interesse vivo e puramente teórico, eles tiveram também um método adequado e em constante aperfeiçoamento: “de descobrimento em descobrimento, conduzidos pela natureza mesma até encontrar o caminho certo da investigação” (BRENTANO, 1936, p.07).

Ao que parece, são duas as razões que fazem evoluir e florescer a filosofia grega com suas próprias forças: o vivo interesse pelo saber e o método progressivo em direção ao caminho certo da investigação. Assim, comenta Brentano:

Com este interesse e com este método avança a filosofia grega por suas próprias forças. As hipóteses se fazem mais profundas; se multiplicam e complicam as questões e se chega finalmente à construção de amplíssimos sistemas doutrinários. Após trezentos anos foi já possível uma obra científica tão notável como a filosofia de Aristóteles (1936, p.07).

5. Brentano menciona Anaxágoras como um dos maiores dentre os Jônios, o qual teria renunciado a administração de seus bens e toda a sua fortuna para dedicar-se livremente à investigação (1936, p.06).

Brentano faz notar que, entre os gregos, o livre interesse pelo saber esteve aliado ao caminho constante de aperfeiçoamento do método científico, iniciado pelos Jônios até chegar a uma obra científica notável como a filosofia de Aristóteles. A filosofia grega, até Aristóteles, teria caminhado livremente na investigação, aperfeiçoando-se cada vez mais, até construir os seus sistemas doutrinários. A filosofia aristotélica teria sido a última grande manifestação de ascendência das investigações filosóficas na antiguidade. Após ela, iniciou-se o primeiro estágio de decadência da filosofia antiga.

Na Idade Média, de acordo com Brentano, “encontramos exatamente o mesmo espetáculo” (1936, p. 10). O vivo anseio pelo saber ascende com os povos germanos e árabes, os quais buscaram, num tempo relativamente curto, entender as obras científicas de Aristóteles. Dessa maneira, dentre os antigos pensadores, Aristóteles é o verdadeiro mestre, devido ao anseio pelo saber e o método natural de investigação.

O auge dessa tarefa de entender a filosofia aristotélica se dá com o grande mestre dominicano do século XIII, Tomás de Aquino (1225-1274), o qual teve “certo modo de pensar congenial” (BRENTANO, 1936, p.11) ao de Aristóteles. Depois de Tomás, a filosofia medieval inicia a sua decadência, ou seja, o enfraquecimento no interesse científico.

Na época moderna, é notório a energia e o apetite de saber. A ciência moderna inicia-se com Francis Bacon (1561-1626) e Descartes (1596-1650). Nota-se que a filosofia se volta aos métodos naturais e “se venera a experiência como grande mestre” (BRENTANO, 1936, p.16). Bacon inaugura uma nova maneira de estudar os fenômenos naturais, através do modo de investigação indutivo e não silogístico. A concordância e a variação dos fenômenos, quando bem observados, nos dão a causa real, ou seja, o conhecimento verdadeiro. De modo análogo, Descartes também se voltou à observação dos fenômenos, assim como seus sucessores Locke (1632- 1704) e Leibnitz (1646-1716) .

Para Brentano, como ensina a história, os pensadores das fases ascendentes foram radicalmente otimistas e, de modo análogo ao que aconteceu na antiguidade e no medievo, após esse período de florescimento da filosofia moderna, inicia-se uma fase de decadência, na qual o interesse teórico é reprimido pelo interesse prático.

O enfraquecimento do interesse científico

A segunda fase da filosofia nos períodos do pensar ocidental é marcada pelo princípio de um primeiro estágio de decadência. O processo de decadência dos períodos da filosofia parte da não cientificidade da ciência, passa pelo ceticismo, 6. De acordo com Brentano, o congenial modo de pensar aristotélico de Tomás foi posto à prova por ele mesmo em vários opúsculos, especialmente o *De regno* (1265), fundamental na filosofia política.

seguido de uma repressão cética e se volta para a construção de dogmas filosóficos, através de conhecimentos totalmente antinaturais, sem evidências, com pretensão de possuir as verdades mais sublimes.

Nesta fase, o pensamento perde energia científica e, segundo Brentano, inicia-se “por um enfraquecimento ou falsificação do interesse científico” (1936, p.04-05). A preferência da investigação volta-se para motivos práticos e, conseqüentemente, “não se trabalha com igual rigor e meticulosidade” (BRENTANO, 1936, p.05).

Historicamente, na Antiguidade, após a filosofia científica de Aristóteles, o interesse teórico cede lugar ao interesse prático. Incorpora-se o sentimento antimacedônico na antiga Atenas e a vida grega se encontra em estado de desagregação. As autoridades políticas e religiosas da época estavam desacreditadas e em conseqüente dissolução. A filosofia teórica, por sua vez, deixou de ser o anseio, devido a pouca repercussão prática.

Para Brentano, “a Stoa e o Epicurismo, com seu unilateral caráter prático, são as escolas que representam na antiguidade esse primeiro estágio de decadência” (1936, p.08). No epicurismo, as ciências, Lógica e Física, estavam subordinadas a Ética que, por sua vez, também perdeu significação científica. A filosofia deixa de ser um modo de pensar rigorosamente teórico e passa a ser apenas um modo de viver, com pouca profundidade, mas com grande difusão: “os partidários de Epicuro eram tão numerosos como os discípulos de Platão ou de Aristóteles” (BRENTANO, 1936, p.08).

Na Idade Média, o primeiro estágio de decadência, ou a segunda fase da filosofia, teria acontecido com o surgimento da filosofia escotista. Mestre da ordem franciscana⁷, Duns Scotus (1266-1308) foi um escritor enérgico, fértil e formal. Junto à distinção entre o real e o conceitual, Scotus encontrou uma terceira distinção: a formal. Para Brentano, “um modo de distinção que não se pode entender com clareza e que por ela facilitavam-se mais as disputas puramente verbais” (BRENTANO, 1936, p.12). Com Scotus, a filosofia se torna estéril e formal, um instrumento de disputa. Nesse sentido, a filosofia, no fim da Idade Média, perde força científica e torna-se um instrumento prático verbal de disputas discursivas.

Na Modernidade, o início do processo de decadência é análogo ao começo da decadência grega. “A religião popular já não exercia seu antigo poder sobre os espíritos, e no domínio político todo o tradicional começava também a vacilar” (BRENTANO, 1936, p.17). A filosofia se tornou trivial, perdendo sua significação científica, ou seja, assim como na decadência grega, o interesse teórico moderno foi sendo reprimido pelo interesse prático. A prova da trivialização está na chamada 7. Para Brentano as ordens, franciscana e dominicana, foram “os órgãos mais importantes da ciência filosófica na Idade Média” (1936, p.11). Estas duas ordens produziram notáveis mestres, entretanto, “com Alberto Magno e Tomás de Aquino a ordem dominicana acabou por fazer sombra em todas as produções dos franciscanos” (1936, p.11).

ilustração francesa, que banalizou a filosofia de Locke (1632-1704), e a ilustração alemã, que trivializou a filosofia de Leibnitz (1646-1716)⁸.

Em suma, nesta segunda fase da filosofia, ocorrera a difusão maior das ideias e uma crescente participação de círculos de pessoas nas doutrinas filosóficas, entretanto, essa maior difusão e participação não substituem a perda de energia científica, a carência de força e profundidade nas ideias. A ciência se torna não científica.

A revolução espiritual - ceticismo

A terceira fase é produto do primeiro estágio da decadência e é chamada por Brentano de período de revolução espiritual. Trata-se de um segundo estágio de decadência, pois “a ciência feita acientífica já não é digna de confiança” (BRENTANO, 1936, p. 05). Mesmo sendo uma fase de revolução espiritual, ela é marcada pela degeneração e embriaguez mental.

Essa fase inicia-se com a perda de confiança na ciência e “pouco a pouco vai se negando ao entendimento a capacidade de alcançar nenhum conhecimento seguro, ou se limita esta capacidade ao mais miserável reduto” (BRENTANO, 1936, p.05). Nota-se o momento do ceticismo, no qual a possibilidade de conhecer é reprimida.

Na antiguidade, o ceticismo se apresenta sob as formas da nova academia e pirrônica. A posição cética mais moderada é da Nova Academia⁹. De acordo com os cétricos acadêmicos, mesmo afirmando a não possibilidade de conhecimento, em todas as questões o máximo que podemos conhecer são probabilidades. Nesse sentido, para eles, “não existe evidência suficiente ou adequada para se afirmar que algum conhecimento é possível” (POPKIN, 2006, p.133).

Já, o Pirronismo¹⁰, é uma forma de ceticismo mais rigorosa, pois para os pirrônicos, “não existe evidência suficiente ou adequada para se afirmar que algum

8. Brentano não cita os filósofos da ilustração francesa e alemã que teriam trivializado a filosofia de Locke e de Leibnitz, cosequentemente.

9. O ceticismo acadêmico tem esse nome por ter sido formulado na Academia de Platão ainda no século III a.C. Este ceticismo parte do princípio socrático ‘sei que nada sei’ e foi desenvolvido por Arcesilau (c. 268-241 a.C.) e Carnéades (c. 213-129 a.C.). Trata-se de uma série de argumentos que pretendem mostrar que nada é certo ou pode ser conhecido. O máximo que podemos alcançar são informações prováveis. Esses argumentos eram dirigidos principalmente contra os estóicos (POPKIN, 2006, p.133-134).

10. A escola Pirrônica fora fundada por Pirro de Élide (c. 360-275 a.C.) e seu discípulo Tímon (c. 315 – 225 a.C.). De acordo com as histórias, Pirro não foi um cético teórico, mas “um duvidador prático que não desejaria fazer qualquer julgamento que estivesse além da experiência imediata” (POPKIN, 2006, p.133). A formulação teórica do ceticismo pirrônico é atribuída a Enesidemo (c.100-40 a.C.). Para os pirrônicos, tanto os dogmáticos, na afirmação da verdade, quanto os cétricos acadêmicos, na afirmação de que nada pode ser conhecido, afirmavam demais. “Os pirronistas suspendiam o julgamento a respeito de todas as questões em relação às quais houvesse qualquer evidência conflitante, até a respeito de se algo poderia, ou não, ser conhecido” (POPKIN, 2006, p.134). As obras

conhecimento é possível [...] defendiam a suspensão do julgamento a respeito de todas as questões relativas ao conhecimento” (POPKIN, 2006, p.133). De acordo com Brentano, o início da filosofia cética de Pirro suscitou mais estranheza que aprovação. Entretanto, posteriormente “começou a quebra do dogmatismo dos estoícos e epicureus (BRENTANO, 1936, p. 09)¹¹.

Junto aos céticos, Brentano menciona também a escola eclética antiga, a qual permitia aceitar ou negar de modo livre as ideias das diversas escolas. Não havia no pensamento eclético uma convicção firme de conhecimento. E, ainda, a partir do século II da era cristã, o ecletismo manteve uma afinidade muito forte com o ceticismo.

A afinidade do ecletismo com o ceticismo é representada pela filosofia de Cícero (106-143)¹², o mais refinado entre os ecléticos. O poder de infiltração eclética nas escolas helênicas foi tão forte que, inclusive, o estoicismo e epicurismo, nos últimos tempos de existência, achavam-se infiltrados pelo ecletismo. Para Brentano, isso assinalava que “a filosofia inteira padecia de certo ceticismo” (1936, p.09).

A fase cética na Idade Média se faz representada pelo nominalismo de Ockham (c.1285-1347). Ockham teria negado a realidade dos universais. Para ele, todas as nossas representações são signos ou nomes. Sobre as questões de Deus, “declara que é impossível, fundado na razão, adquirir um conhecimento de Deus como ente cognoscente, criador e infinito” (BRENTANO, 1936, p.13). Não há como saber se no homem existe alguma realidade espiritual ou imortal.

Entretanto, na Idade Média, a influência da autoridade eclesiástica era determinante e reagiu fortemente a essas tendências céticas nominalistas. Em sua própria defesa, os nominalistas se submeteram ao poder eclesiástico afirmando que não estavam tocando na doutrina da verdade revelada, simplesmente que ela era inconcebível filosoficamente. Dessa maneira, confirma Brentano: “eles mesmos estavam firmemente persuadidos de que essa doutrina era teologicamente verdadeira, e que a única coisa que eles sustentavam com igual decisão é que era filosoficamente falsa” (1936, p.13). Tem-se assim, a distinção entre duas verdades opostas que, segundo Brentano, aniquilou por completo a possibilidade da essência da verdade.

O representante por excelência do ceticismo no período moderno da filosofia é David Hume (1711-1776). Para Hume, o conhecimento só é adquirido de Sexto Empírico (século III d.C.) são as únicas obras pirrônicas que restaram. Para um melhor conhecimento do ceticismo antigo, conferir BROCHARD, Victor. **Los escépticos griegos**. Traducción de Vicente Quinteros. Buenos Aires: Editorial Losada, 1945.

11. No dizer de Brentano, os personagens mais notáveis pertencentes a esta direção e época foram Enesidemo, Agrippa e Sexto empírico (1936, p.09).

12. Com Cícero, “a Academia sofreu uma reviravolta, trocando o ceticismo por uma espécie de filosofia eclética” (POPKIN, 2006, p.133). Boa parte dos argumentos céticos foi preservada nas obras de Cícero, especialmente em *Academica* (45 a.C.) e *De naturam deorum* (45 a.C.).

empiricamente, não havendo a possibilidade de uma ciência metafísica, mas uma ciência pautada na probabilidade. De acordo com Brentano, o ceticismo de Hume se fez notar não somente na sua pátria¹³, pois permeou “o campo mais fértil para o cultivo do pensamento filosófico” (1936 p.18), a saber, na Alemanha e na Inglaterra.

Em reação a esta fase cética Brentano diz suceder uma quarta fase, análoga aos períodos da história da filosofia, marcada pela forte reação ao ceticismo e a dogmatização do pensamento, visando salvaguardar o conhecimento da verdade de um modo antinatural.

O pensamento antinatural

A fase do pensamento formal vai ao encontro àquilo que diz Brentano, “o ceticismo não é algo que satisfaz o humano desejo” (1936, p.05). O natural postular a verdade¹⁴ se ergue de modo violento à repressão cética e inicia-se a etapa de construir dogmas filosóficos. Nessa quarta fase, acredita-se em maneiras de conhecer totalmente antinaturais, geniais intuições, “ascensões místicas da vida espiritual, e rapidamente se embriaga a mente com a presunção de posse das verdades mais sublimes, que excedem todas as capacidades humanas” (BRENTANO, 1936, p.06).

A quarta fase dos períodos históricos da filosofia não deixa de ser um terceiro período de decadência e o conseqüente fim das eras de pensar. Nela, o pensamento torna-se formal e é o contraposto da primeira fase de investigação. “Se crê saber tudo e não se sabe nada” (BRENTANO, 1936, p.06). Brentano parece apontar que a formalidade do pensamento é o contraposto da investigação, pois a primeira fase, que assinala o florescimento e ascensão das investigações filosóficas, é marcada pela não formalidade no pensamento. Pelo contrário, na fase de florescimento das investigações, busca-se adequar os métodos de acordo com os objetos e, ainda, há a necessidade de aperfeiçoamento posterior.

Na Antiguidade, sucedeu ao ceticismo “a reação mais violenta que cabe pensar” (BRENTANO, 1936, p.10). O neoplatonismo¹⁵ foi a manifestação mais forte desta reação¹⁶, “que se enfeveriza e embriaga com o mundo inteligível” (BRENTANO, 1936, p. 10). Alguns líderes foram até divinizados. Nota-se que, nessa fase, a busca do conhecimento da verdade não é mais natural, pois “a falta de um conhecimento das leis da natureza fez com que Proclo e outros utilizassem, como substitutivo, a regularidade artificial e arbitrária de um sistema triádico”

13. Brentano diz que o ceticismo de Hume se fez sentir nos campos férteis da filosofia, na Alemanha e na Inglaterra, aludindo ao reconhecimento de Kant, que Hume tê-lo-ia despertado do sono dogmático (1936, p.18).

14. Brentano alude este natural postular a verdade na celebre frase inicial da *Metafísica* de Aristóteles: “Todos os homens, por natureza, tendem ao saber” (2002, p.03).

15. Brentano comenta que os neoplatônicos Amônio de Saca, Plotino, Porfírio, Jamblico, Proclo e muitos outros foram líderes muito celebrados e inclusive divinizados (1936, p.10).

16. O grupo dos platônicos judaizantes e neopitagóricos também são citados como os reacionistas dessa fase, mas a reação mais forte é do neoplatonismo (BRENTANO, 1936, p.10).

(BRENTANO, 1936, p.10). Os neoplatônicos foram atraídos pela ideia de “total e inefável transcendência de Deus ou do Uno, da unidade e universalidade do intelecto e da alma como substância hipostática que tem existência contínua num ser universal e particular” (WALKER, 2006, p.661).

No final da Idade Media teria surgido uma reação nova e poderosa contra o ceticismo nominalista, especialmente ao acesso das verdades transcendentais. De acordo com Brentano, “é conhecida a aparição de numerosos e notáveis místicos nesta época” (1936, p.13). Junto ao pensamento místico, encontram-se também as especulações filosóficas de Raimundo Lúlio (c.1232-1316) e Nicolau de Cusa (1401-1464), os quais “por meio de um método novo, até agora inaudito, e absolutamente antinatural, pretendiam elevar-se, com um vôo audaz, a insuspeitos auges de verdade” (BRENTANO, 1936, p.14).

Raimundo Lúlio teria inventado um novo método lógico, outorgado pelos céus, que ele mesmo chamou de *Ars magna*. “Desenhava os conceitos em círculos concêntricos que podiam girar isoladamente, com o qual produzia as mais diversas combinações” (BRENTANO, 1936, p.14). Com este método, Lúlio prometeu alcançar os mais sublimes resultados, “e se esforçou audazmente em demonstrar apoditicamente, por meio da simples razão, a trindade, o pecado original, a encarnação e a morte redentora” (BRENTANO, 1936, p.14). Entre os discípulos de Lúlio, a sua doutrina¹⁷ era atribuída a uma ação do Espírito Santo e não era passível de conhecimento por meio da meditação ou ensinamento. “Sua compreensão somente é possível graças a um dom superior” (BRENTANO, 1936, p.15).

Incrementando essa época de especulação, surge também a doutrina da *Docta ignorantia*, de Nicolau de Cusa. A douta ignorância “é um conhecimento superior a todo saber. Ele chama de um ‘intuir sem conceitos’, um ‘conceber inconcebível’, ‘especulação’, ‘teologia mística’, ‘terceiro céu’, ‘sabedoria’ etc.” (BRENTANO, 1936, p.15).

Para Nicolau de Cusa, há três faculdades de conhecimento, a saber, a percepção dos sentidos (*sensus*), a razão (*ratio*) e a evidência intelectual (*intellectus*). A evidência intelectual é a suprema faculdade espiritual e se eleva sobre as demais. Os sentidos conhecem tão somente por meio da afirmação, a razão via afirmação e negação e o intelecto tão somente por negação. No domínio da evidência intelectual não rege o princípio de contradição, mas o princípio da coincidência dos opostos. No conhecer da douta ignorância, poderíamos definir Deus criador como sendo Aquele que não é criatura. “De uma maneira audaz se constroem *a priori*, por meio

17. De acordo com Brentano, “os lulistas tinham uma veneração ilimitada pelos escritos de seu mestre. A antiga lei, diziam, há que ser atribuída a Deus Pai, a nova ao Deus Filho, e a doutrina de Lúlio ao Espírito Santo” (1936, p.15). A doutrina e os escritos de Lúlio foram condenados pela Universidade de Paris no século XIV e pelos papas Paulo IV e Gregório XI, em tempos de reforma da Igreja.

deste procedimento mental trans-racional, Deus, as criaturas e a unidade de Deus e a criatura na encarnação” (BRENTANO, 1936, p. 16).

De acordo com Brentano, assim como a especulação neopitagórica e neoplatônica marcam o fim do período antigo, essas últimas especulações medievais originais findam o período medieval e correspondem às características gerais da quarta fase de todo o grande período filosófico.

No período moderno, a primeira reação ao ceticismo de Hume é devida a Tomás Reid (1710-1796), fundador da escola escocesa¹⁸. Segundo Brentano, Reid acreditava que a base do pensamento filosófico era o senso comum, “na consciência de cada homem encontra-se uma soma de juízos primitivos, dos quais estamos certos, mesmo não os vendo com evidência” (1936, p. 18). Essa soma de juízos primitivos ele chama de ‘senso comum’ ou ‘entender humano comum’. Diferentemente de Hume, que entendia a ciência pautada em probabilidades, Reid assegura o senso comum e “afirma que é impossível que nos enganemos acerca dele e que, portanto, podemos crer nele sem reparo algum e edificar uma ciência sobre ele. Assim, e tão somente assim, pode-se superar o ceticismo” (BRENTANO, 1936, p.19).

Na Alemanha, Kant é quem se propõe salvar o conhecimento frente ao ceticismo de Hume. De acordo com Brentano, Kant “procedeu essencialmente de modo análogo a Reid” (1936, p.19), pois “afirma que a ciência exige como apoio um conjunto de princípios que ele chama de conhecimentos sintéticos *a priori*” (1936, p.19). Kant estaria se referindo a proposições estabelecidas previamente, “uma soma de princípios primitivos com as mesmas características que têm aqueles juízos que Reid agrupou a partir do senso comum” (1936, p.19).

Entretanto, há algo peculiar na filosofia de Kant que Reid encobriu: a “manifesta irracionalidade da exigência de construir um saber sobre cegos pré-juízos” (BRENTANO, 1936, p.19). Kant procurou justificar o uso desses princípios e admitiu “que se pode edificar sobre semelhantes pré-juízos cegos somente com uma hipótese, [...] admitindo que os objetos se regulam conforme aqueles pré-juízos” (BRENTANO, 1936, p.19). Se antes a hipótese era que o conhecimento se regulava conforme os objetos, agora a hipótese é de que os objetos se regulam conforme nosso conhecimento. Dessa maneira, “com a primeira hipótese o ceticismo era insuperável, porém agora, a base dos juízos sintéticos *a priori*, seus ataques podem ser rechaçados vitoriosamente” (BRENTANO, 1936, p.19-20).

Brentano admite que a reação kantiana ao ceticismo é admirável, mas a hipótese do objeto se regular pelo conhecimento é antinatural. Assim, ele comenta: “tudo isso seria magnífico se a mais antiga das hipóteses não fosse a única adequada

18. De acordo com Brentano, a escola escocesa não teve muita expressão entre os alemães (1936, p.18).

à natureza das coisas, ao passo que a nova aparece como uma afirmação antinatural” (1936, p.20).

E, ainda, a partir do princípio de que “todos os objetos da experiência são fenômenos e como tais estão condicionados por nossa subjetividade” (BRENTANO, 1936, p.20), Kant tenta tornar plausível a ideia de que nossa investigação se dirige apenas para uma parte dos objetos, uma classe de objetos entendidos como fenômenos. Daí que os juízos sintéticos *a priori* são válidos “somente para esta parte de objetos, e é absolutamente impossível um saber que vá mais além deles e do domínio de uma possível experiência” (BRENTANO, 1936, p.20).

Para Brentano, ao princípio kantiano escapa a investigação dos princípios supremos como Deus, imortalidade, liberdade, princípio, fim, cosmos... Daí a dificuldade de ter total êxito frente ao ceticismo, pois mesmo que o espírito humano anseie um conhecimento sobre estes princípios, seria absolutamente impossível conhecê-los. Haveria uma debilidade na doutrina kantiana, pois “objetos que são fenômenos nossos podem ser, de algum modo, condicionados em sua maneira de ser por nossa subjetividade” (BRENTANO, 1936, p.20-21), mas isso não provaria, de modo algum, no curso dos fenômenos, a validade dos princípios primitivos (pré-juízos cegos) existentes em nós.

Kant teria “abandonado aos céticos a parte melhor e mais sublime do conhecimento” (BRENTANO, 1936, p.21), por isso cogitou substituí-la pelo postulado da razão pura prática. “Se os conhecimentos sintéticos *a priori* são algo que temos que crer cegamente, a existência de Deus, a imortalidade da alma, a liberdade da vontade, são, no entanto, algo em que devemos crer cegamente” (BRENTANO, 1936, p.21). Kant acreditou ter certeza da realidade objetiva das sublimes ideias, porém não há evidência nenhuma sobre a verdade desses princípios sublimes, mesmo que tenhamos convicção deles.

Para Brentano, a reação kantiana ao ceticismo é antinatural, fato análogo que sucede as épocas de reação ao ceticismo, a passagem do segundo para o terceiro e último estágio de decadência dos períodos da história da filosofia. Essa reação antinatural de Kant é comparada àquela de Nicolau de Cusa, no fim do período medieval. Dessa maneira, compara Brentano: “assim como Nicolau de Cusa atribuiu a seu *intellectus* um conceber inconcebível, assim também me parece que Kant atribuiu a sua ‘razão prática’ uma crença incrível” (BRENTANO, 1936, p.21-22).

De acordo com Brentano, após Kant, sucedeu Fichte (1762-1814) com a estrutura dialética do pensamento, estabelecendo o método da tese, antítese e síntese¹⁹, seguido de Schelling (1775-1854) “com sua intuição intelectual, um modo 19. Nessa conferência, essa é a única menção que Brentano faz sobre o pensamento de Fichte, mas o movimento dialético de Fichte, de modo geral, consiste na afirmação do eu (sujeito, espírito, consciência) como tese, implicando a antítese (objeto, natureza, ser) e a síntese (negação da negação da síntese).

de conhecimento simplesmente absoluto” (BRENTANO, 1936, p.22). O sistema de Schelling “começa com a simples afirmação da unidade de pensamento e do ser, isto é, com a simples ideia do ‘Absoluto’, idêntico a si mesmo, que é descrito como o primeiro pressuposto de todo conhecimento” (BREAZEALE, 2006, p.837). Para Brentano, essa ideia de ‘Absoluto’ é incapaz de ser ensinada e conhecida, pois não há caminho ou método para se chegar a ela.

Após Schelling, sucede Hegel (1770-1831), com a filosofia absoluta e que determina a decadência final do período moderno. Hegel “afirma que o mundo inteiro, natural e espiritual, não é senão um pensamento que se reproduz por si mesmo e de si mesmo como ente que sabe a verdade toda” (BRENTANO, 1936, p.22). De acordo com Brentano, Hegel pensou ter alcançado sua meta a partir do movimento de progressão dialética, realizado “em um compasso de três tempos, posição, negação e unidade de ambos” (1936, p.22-23). Trata-se de um pensamento absolutamente vazio de conteúdo e faz da negação a via do movimento dialético.

Para Brentano, o sistema hegeliano e suas pretensões já foram julgados. No início, fora estimado “como o produto supremo das forças investigadoras do homem” (1936, p.23), entretanto, “está hoje com igual generalidade condenado como a degeneração extrema do pensar humano” (1936, p.23). Isso é um bom sintoma para afirmar que o fim do século XIX e início do XX é o começo de um novo período de evolução da filosofia.

Por fim, Brentano parece esclarecer que a decadência final de todos os períodos da história da filosofia é marcada pela pretensão de tudo estar conhecido e investigado. Uma atitude passiva na qual o pensamento se torna formal, frio, antinatural e a-filosófico. Portanto, a quarta fase é marcada pela perda do vivo anseio de saber.

O VIVO ANSEIO DE SABER E APERFEIÇOAR – O MELHOR POSSÍVEL

A partir da exposição histórica, persuadido da nulidade dos sistemas filosóficos recentes, a intenção de Brentano é voltar-se aos pensadores antigos, mais especificamente às fases de florescimento da filosofia, para encontrar um ponto de apoio mais firme para o começo de um novo período de evolução da filosofia. Ele acredita em um possível progredir na filosofia e afirma que a atual época é de rejuvenescimento, no entanto, admite que ainda é uma idade infantil na qual não se tem grande segurança e amadurecimento nos juízos.

O que se quer pôr em pauta aqui, através do pensamento de Brentano, é que a ideia de renovação das investigações filosóficas ou a possibilidade de um começo da filosofia passa necessariamente por aquilo que é próprio ou essencial do ato filosófico ou científico: um desejo de saber, ou melhor, um natural postular a verdade elementar aliado a um método adequado, característica própria da fase de florescimento das investigações científicas.

É notória a esperança de Brentano em encontrar o método certo para progredir com êxito nas investigações filosóficas e, por isso, voltar o olhar às fontes mais claras e autênticas. “Acolhemo-nos aos estímulos procedentes de fases ascendentes! Encontraremos neles prefácios adequados. E encontraremos também aquele método correto que nos possibilitará progredir com êxito” (1936, p. 27). A questão aqui é saber que método correto é esse que alude Brentano?

Da fase ascendente dos períodos da história da filosofia, Brentano afirma algo análogo às produções pertencentes a cada época. Em todos os períodos o movimento da investigação foi ascensional. Entretanto, as produções da filosofia antiga tiveram um desenvolvimento ascensional mais amplo e resultados mais ricos como a filosofia de Aristóteles. No período moderno, foi notória a energia e o puro apetite pelo saber. A ascensão do período medieval também é digna de consideração, mas “jamais existiu nela um interesse absolutamente livre pela investigação racional” (BRENTANO, 1936, p.28). O interesse teórico foi parcial, pois a filosofia se encontrou como serva da teologia e, por isso, a consideração outorgada à filosofia medieval não é de igual valor à filosofia moderna e antiga. Nota-se que, para a ascensão da filosofia a investigação precisa ser teórica e livre.

De acordo com Brentano, quando se fala em ciência, tudo se encontra solidarizado. Desse modo, para começar um novo período da filosofia é necessário buscar pontos de apoio variados e não somente na história da filosofia antiga e moderna. As produções de outras ciências podem servir de ponto de apoio, especialmente as produções da matemática e da ciência natural, que gozam de um desenvolvimento pujante. Um exemplo da produção de outras ciências que contribuiu para o esclarecimento das questões lógicas é a teoria da probabilidade. Aqui Brentano parece mencionar aquilo que ele confirma na obra *Sobre o futuro da filosofia*, que “o verdadeiro método das ciências do espírito [...] não consiste senão em proceder por analogia com a ciência da natureza” (1936, p.78).

Brentano é otimista em relação ao acesso do conhecimento e reafirma que a ciência é produto humano. Mesmo admitindo que existam e sempre existirão limites para o conhecimento e que em muitas questões podemos alcançar apenas probabilidades e, às vezes, nem essas são possíveis em suficiente medida, o conhecimento é algo grandioso e um prodígio propriamente humano²⁰, ou seja,

20. Brentano menciona Sofocles: “O homem é o mais prodigioso dos viventes” (1936, p.29).

a ciência é um grandioso esforço humano²¹. Mesmo que o saber humano seja fragmentado, para Brentano, os fragmentos do saber já é algo grandioso.

Essa força de querer conhecer conduz o homem para além daquilo que ele mesmo sonha e espera. Para Brentano, isso seria possível acontecer também com as questões supremas. O desejo de conhecê-las pode conduzir o homem a probabilidades de conhecimento, às vezes não previsíveis. Do mesmo modo que sem conhecer a essência da matéria, sabe-se que ela é essencialmente incorruptível, assim também pode ocorrer com a essência do espírito, que sem conhecê-la, pode-se intuir que nela há uma esperança de existência eterna. Assim também pode acontecer com a questão do conhecimento da essência da razão última do mundo que, segundo Brentano, pode-se sim alcançar razoáveis convicções de que o mundo está ordenando para o melhor.

Brentano tem a impressão de que as razões otimistas expostas acima, acerca da investigação humana sobre as questões supremas, são suficientes para solucionar o problema da falta de otimismo da época. Aqui ele dá sinais de um possível método que, mesmo diante de questões aparentemente impossíveis de conhecimento, há probabilidade de se chegar ao menos em razoáveis convicções, desde que se tenha propósito. O que importa é o constante querer conhecer aliado ao desejo de aperfeiçoamento em busca do melhor.

Para a investigação progredir é necessário um propósito. A falta de propósito (disteleologia) na filosofia é o motivo dela não progredir e a consequente justificativa do pessimismo filosófico contemporâneo. De acordo com Brentano, o propósito está aliado ao otimismo filosófico, pois a história ensina que os maiores pensadores das fases ascendentes tinham seus propósitos e foram radicalmente otimistas²². O otimista conquista para si o mundo e na história da humanidade foram os otimistas que deram o verdadeiro suporte da cultura.

Então, a ideia de começar ou retomar a investigação filosófica se pauta na busca constante de aperfeiçoamento das hipóteses e adequação metodológica. Para haver a retomada ou florescimento nas investigações científicas filosóficas, não pode haver um fechamento formal pautando-se na ideia passiva de tudo já saber. Aqui as palavras de Brentano são decisivas: “o filósofo tem que adentrar em seu campo, conquistando-o passo a passo como qualquer outro investigador” (1936, p. 86). A ascensão da investigação filosófica permanece ativa quando aberta às novas questões, implicando a possibilidade de retomar o objeto, as hipóteses e o método, análogo ao das ciências naturais, para o aperfeiçoamento científico da filosofia.

21. Para indicar que a ciência é um esforço propriamente humano, Brentano cita um dizer de Goethe: “a suprema força do homem” (1936, p.29).

22. “Os maiores pensadores das fases ascendentes, que, como a história ensina, foram radicalmente otimistas, Platão e Aristóteles, Agostinho e Tomás de Aquino, Descartes, Locke e Leibnitz, forneceram nesse ponto um enorme labor, digno de nossa gratidão” (BRENTANO, 1936, p.31).

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Metafísica**. Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. São Paulo: Loyola, 2002. v.2. 695 p
- BREAZEALE, Daniel. Schelling. In: AUDI, Robert (Dir.) **Dicionário de Filosofia de Cambridge**. São Paulo: Paulus, 2006. p. 836-837.
- BRENTANO, Franz. **El porvenir de la filosofía**. Traducción del Alemán por Xavier Zubiri. Madrid: Revista de Occidente, 1936.
- _____. Las cuatro fases de la filosofía y su estado actual. In: **El porvenir de la filosofía**. Traducción del Alemán por Xavier Zubiri. Madrid: Revista de Occidente, 1936. p. 1-33.
- _____. El porvenir de la filosofía. In: **El porvenir de la filosofía**. Traducción del Alemán por Xavier Zubiri. Madrid: Revista de Occidente, 1936. p. 35- 83.
- _____. Las razones del desaliento en la filosofía. In: **El porvenir de la filosofía**. Traducción del Alemán por Xavier Zubiri. Madrid: Revista de Occidente, 1936. p. 85-104.
- _____. Abajo los prejuicios. In: **El porvenir de la filosofía**. Traducción del Alemán por Xavier Zubiri. Madrid: Revista de Occidente, 1936. p. 105-251.
- BROCHARD, Victor. **Los escépticos griegos**. Traducción de Vicente Quinteros. Buenos Aires: Editorial Losada, 1945.
- POPKIN, Richard H.. Céuticos. In: AUDI, Robert (Dir.) **Dicionário de Filosofia de Cambridge**. São Paulo: Paulus, 2006. p. 133-134.
- WALKER, Paul E.. Neoplatonismo islâmico. In: AUDI, Robert (Dir.) **Dicionário de Filosofia de Cambridge**. São Paulo: Paulus, 2006. p. 660-661.